

Exercícios de nacionalismo na cobertura da *Folha de S. Paulo* sobre a Copa do Mundo de 2014¹

Exercises of nationalism in the *Folha de S. Paulo* coverage of the 2014 World Cup

Rodrigo Nascimento Reis ²

Resumo: O artigo discute os conceitos de nação e nacionalismo a partir das ideias de Michael Billig (1995) e Benedict Anderson (1991) para estabelecer relações de como futebol é apropriado para 'imaginar ou mesmo banalizar' nacionalismos. Para efetivar a proposta, realiza-se uma análise de conteúdo do material noticioso do jornal *Folha de S. Paulo* durante a Copa do Mundo de 2014. Das 263 chamadas de capa sobre o Mundial no veículo entre os dias 11 de junho e 14 de julho de 2014, 55 fazem alusões a tópicos nacionais. O hino, a bandeira, o orgulho, camisa de cada seleção condizem com a noção de nacionalismo banal enquanto questões de pertencimento e marcas culturais das seleções dialogam com a formação e manutenção de 'Comunidades Imaginadas'. Nesse sentido, percebe-se o nacionalismo funcionando como lugar de disputa política. O futebol mobiliza muitas questões nacionais desde aspectos banais ao contexto histórico, político e econômico de determinada nação.

Palavras-Chave: Nacionalismo. Futebol. *Folha de S. Paulo*

Abstract: The article discusses the concepts of nation and nationalism from the ideas of Michael Billig (1995) and Benedict Anderson (1991) to establish relations of how football is appropriate to 'imagine or even trivialize' nationalisms. To make the proposal effective, it is realized a content analysis of the *Folha de S. Paulo* news material during the 2014 World Cup. Of the 263 covers calls about the World Championship in the vehicle between June 11 and July 14, 2014, 55 make allusions to national topics. The anthem, the flag, the pride, the shirt of each selection match the notion of banal nationalism while issues of belonging and cultural brands of the selections dialogue with the formation and maintenance of 'Imagined Communities'. In this sense, nationalism is perceived to function as a place of political dispute. Soccer mobilizes many national issues from banal aspects since the historical, political and economic context of a determined nation.

Keywords: Nationalism. Soccer. *Folha de S. Paulo*.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Jornalismo Político do VIII Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (VIII COMPOLÍTICA), realizado na Universidade de Brasília (UnB), de 15 a 17 de maio de 2019.

² Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, rodrigoreis@unb.br.

Introdução

A Copa do Mundo se equipara a ideia de evento midiático planejado com forte impacto na sociedade. O que Dayan e Katz (1992) estabelecem como ritos mundiais, com espectadores em várias partes do mundo, mediados pela televisão, se materializou por exemplo, na Copa de 2014, quando mais de 3,6 bilhões de espectadores acompanharam o evento pela TV e internet em diversos dispositivos, segundo dados do Ministério do Turismo Brasileiro. Com tanta visibilidade, nenhuma seleção certamente quer perder e principalmente 'ao vivo'. Não é simplesmente por medo de demonstrar falta de qualidade futebolística, mas também porque o nome do time é o nome de um país, uma nação.

O megaevento realizado no Brasil em 2014, entre os dias 12 junho e 13 de julho foi disputado por 32 seleções e teve a cobertura midiática de mais de 20 mil profissionais de comunicação conforme o Portal da Copa 2014. Diante este cenário, buscamos entender como o futebol, por meio da Copa do Mundo de 2014, mobilizou os conceitos de nação/nacionalismo por meio da imprensa brasileira. Nesse ponto, adotamos as perspectivas conceituais de Michael Billing (1995) e Benedict Anderson (1991) apostando na presença ou não de nacionalismo banal ou mesmo de comunidades imaginadas.

Antes de enfrentar nossa questão, vale ressaltar que há um arcabouço de pesquisas na academia brasileira que apontam o futebol como formador da identidade nacional, principalmente com estudos baseados em narrativas de jornais nacionais. Desde DaMatta (1982), o futebol é apontado como ferramenta para compreender a sociedade brasileira justamente pela capacidade do jogo dramatizar a vida social em campo. Na mesma linha, Helal (1997), concebe a modalidade esportiva como forma cultural de integrar o país, sendo as narrativas jornalísticas responsáveis pela crença de que onze jogadores seriam os representantes do país e o campeonato um duelo de nações.

Outros estudos como de Gastaldo (2001), Soares (1998) Helal e Gordon Jr (2001), também compartilham do sentido de que a seleção brasileira desempenha

papel expressivo na constituição da identidade nacional, sendo que mais recentemente Brinatti (2015) aponta uma possível ruptura da equação futebol/nação devido a derrota para seleção alemã. Essa é apenas uma ilustração rápida de um eixo de pesquisa crescente dos estudos de futebol e comunicação no país.

Dito isto, esse artigo busca identificar a discussão sobre nação/nacionalismo a partir da cobertura jornalística da *Folha de S. Paulo* durante a Copa de 2014. Importante acentuar um detalhe; se está interessado em perceber como o veículo associa o debate sobre questões nacionais, independente do país, isto é, não fizemos um recorte focado na seleção brasileira.

Para efetivar a proposta, escolhemos a *Folha de S. Paulo* porque figura entre os três maiores conglomerados de mídia do Brasil, ao lado do *Globo* e *Estadão*. Logo, a escolha de qualquer um desses impressos dá densidade ao trabalho porque eles estão interligados à rotina produtiva de suas respectivas agências *Folhapress*, *Agência Globo* e *Agência Estado* e distribuem material noticioso para jornais regionais.

Por conseguinte, delimitamos o período de 11 de junho a 14 de julho como apropriado para coleta do conteúdo. Ou seja, a data corresponde a um dia antes da cerimônia de abertura do evento e um dia depois do encerramento do campeonato, justamente para poder capturar notícias pré e pós-evento, uma vez que a coleta se deu no jornal impresso disponibilizado em versão digital no site do veículo.

Os procedimentos metodológicos estão ancorados em Bardin (2011), Bauer (2000) e Herscovitz (2007). Na primeira etapa da coleta, decidimos selecionar todas as chamadas referentes a Copa que foram publicadas na primeira página da *Folha*. Esta foi uma forma de encontrar os assuntos que foram considerados mais importantes pelo jornal sobre o evento, merecendo, portanto, destaque na capa, e também um modo de encontrar uma amostra considerável para análise. Ao total, foram 263 inserções de assuntos da Copa referenciados na primeira página. Por conseguinte, todo o material foi lido para identificar palavras chaves que remetessem as noções de nação e nacionalismo, totalizando 56 matérias referentes ao assunto.

Sobre este material, nos debruçamos a fazer inferências de ordem dedutiva relacionando ao aporte teórico proposto. Ainda no caminho metodológico foi criada uma categoria para classificar os formatos jornalísticos em reportagem, entrevista, nota, coluna, artigo assinado, editorial, infográfico ou outro. Desse modo, poderemos entender se a discussão sobre nacionalismo do veículo permeou o material informativo ou se estava restringida aos espaços de opinião do veículo.

Comunidades Imaginadas e Nacionalismo Banal

A proporção em que Benedict Anderson (1991) explora uma nova forma de pensar a ideia de nacionalismo, diferente de concepções articuladas no âmbito econômico e político, mas com eixo em questões culturais, torna a metáfora de “Comunidade Imaginada” uma chave de leitura interessante para refletir os rearranjos de grupos sociais em torno da ideia de nação.

Para marcar uma forma inovadora de pensar nacionalismo, Benedict contraria argumentos de pensadores como Erick Hobsbawn e Ernest Gellner. Sobre Hobsbawn (1962), Benedict aponta o historiador britânico com perfil de pesquisa focado na Europa com um viés marxista, fato que o motivou a pensar o nacionalismo a partir de um olhar para o Sudeste Asiático e para a América. Também Ernest Gellner (1983) apresenta o nacionalismo atrelado a sociedade moderna, acoplado a industrialização europeia, com surgimento entre os séculos XVIII e XIX, ponto contrariado por Anderson que não impõe datas sobre aparecimento de nações.

O ponto de partida, portanto de Anderson (1991) passa pelo reconhecimento de que as noções de nacionalismo e nação são de ‘difícil’ conceituação, sendo inclusive o tema considerado ‘anomalia’ para teoria marxista. Por isso o autor propõe entendê-los como produtos culturais específicos observando as origens históricas do fenômeno bem como suas transformações ao longo do tempo.

Nesse sentido, Anderson desenvolve a noção de nação como “uma comunidade política imaginada como sendo intrinsecamente limitada e ao mesmo tempo, soberana” (ANDERSON, 1991, p. 32). Exemplificando, o autor justifica o quesito ‘imaginada’ em relação ao fato de que os integrantes de uma nação não

terão acesso ou contato com o outro, sendo a comunhão que os interliga regente no mundo das ideias. Limitada, porque é finita dando espaço para o convívio com outras nações e soberana porque é capaz de desmoronar a legitimidade de reinos.

Entre as alternativas para explicar a expansão e consolidação de nacionalismo, Anderson (1991) aponta o capitalismo editorial como artefato importante nesse processo. A produção em massa de jornais e romances em língua vernácula estão entre os exemplos expostos pelo autor. Para ele, por exemplo, o jornal é compreendido como um produto cultural que assegura as pessoas sobre o cotidiano do mundo imaginado.

É justamente a reprodução do material impresso, um dos responsáveis por facilitar a 'comunhão' das pessoas, antes impossibilidades de entendimento entre si. Esse avanço associado a força do capitalismo contribuiu para tornar as línguas mais fixas e estáveis (afinal, agora elas estavam impressas) e deu notoriedade ao uso das línguas vernáculas, todavia o autor faz o seguinte apontamento:

É sempre um equívoco tratar as línguas como certos ideólogos nacionalistas as tratam- como emblemas da condição nacional [*nation-ness*], como bandeiras, trajes típicos, danças folclóricas e similares. Basicamente a coisa mais importante quanto à língua é sua capacidade de gerar comunidades imaginadas, efetivamente construindo *solidariedade particulares* (BENEDICT, p. 189, 1991).

Seguindo esta linha, o que inventa o nacionalismo não é uma língua particular em si, mas a sua circulação por meios impressos. Mas também os meios de comunicação, citados como o Rádio e TV movimentam idiomas de forma outrora inimaginável, colaborando para propagação de uma comunidade linguística. Anderson reconhece esse aspecto, todavia sinaliza que as nações estão acima de línguas nacionais.

Por conseguinte, o nacionalismo banal concebido por Billig (1995) é apresentado como uma força importante tanto socialmente quanto politicamente. Assim, o conjunto de crenças, hábitos e práticas vivenciados por muitas pessoas ao mesmo tempo sinalizam o pertencimento ou mesmo lealdade a determinada nação. São práticas banais, do cotidiano, mas com força para sustentar o nacionalismo de estados-nação consolidados. Bandeiras, emblemas, fotografias, frases e outros

artifícios são usados para informar dia após o dia o lugar de origem, de fala, de traços culturais. Sem essa recordação diária, o indivíduo pode ficar a esmo, em um não-lugar, na transversalidade, assim em um mundo cada vez mais interconectado com internet de alta velocidade, com a possibilidade de migração, decidir ser 'outro nacional' é uma escolha ao alcance de muitos.

Nesse sentido, os meios de comunicação exercem papel significativo na repercussão das nacionalidades, afinal "in routine practices and everyday discourses, especially those in the mass media, the idea of nationhood is regularly flagged (BILLIG, p. 154, 1995). Segundo o autor, é por meio da mídia que celebridades e políticos reproduzem, quase que diariamente, clichês sobre nacionalidades. Não à toa, ele também pesquisou jornais de uma nação no período de um dia para perceber como os sentidos atribuídos a nacionalismo se tornam familiares. Billig (1995) está ciente de que a sua tese, precisa ser experienciada em diversificados jornais de outros países com maior período de análise. Dessa forma é possível ir além das descrições do autor:

Banal nationalism is found in the weather reports, on the sporting pages and hanging limply in the flags on the filling-station forecourts. But it does not end there. Nationalism also appears banally in the words of politicians, speaking to 'us' in their clichés about 'the nation' and about 'society'. Their words have intellectual echoes. If politicians regularly elide 'nation' and 'society', talking as if there were no imaginable form of community outside the nation, then this has been paralleled in classical sociological theorizing (BILLIG, p. 155, 1995).

Naturalmente, Billig assume a tarefa de defender a propagação cotidiana da existência de determinada nação como um processo de uma materialização e manutenção de comunidades imaginadas. As crenças compartilhadas superam a origem geográfica e os saberes linguísticos, tornam-se um produto cultural, como bem argumenta Benedict (1991)

Porém, na perspectiva de Michèle e Armand Mattelart (1990) há um abalo das produções culturais restritas e inseridas em territórios de estados-nação. Quem abala? A forças do mercado. Quem resiste? A televisão com programação voltada a preservação da cultura nacional, como por exemplo, melodramas que tornam a identidade nacional como lugar de lazer, na qual o emocional colabora para o público compreender o seu entorno. Citando as telenovelas brasileiras, os autores

sublinham a importância e prestígio destas produções para o cotidiano dos expectadores. Sim, a sensação era que as pessoas se ‘viam’ literalmente pelo Globo, objeto trabalhado no texto pelos autores.

Naquela época, o canal Globo – alavancado pela credibilidade da televisão - funcionava, quase que exclusivamente, como caixa de ressonância do que é ser brasileiro, pois conforme Michèle & Armand Mattelart (p.24, 1990) os números da audiência eram crescentes, assim, “the importance of television in national life is largely vouched for by the increase in the number of television sets in Brazil: in 1965, there were only 3 million, but twenty years later, 22 million”. A telenovela, portanto, tornou-se um espaço de compartilhamento e da identidade brasileira.

As possibilidades de integração nacional é um debate tangencial na obra de Weber (1976). Ele, ao observar o estilo de conduta dos camponeses franceses, traz para discussão uma clareza mais coordenada do desenvolvimento da França, ao mesmo tempo em que toca na integração nacional. Para o autor, o camponês precisava ser integrado uma economia e cultura nacional, entendida na época como a cultura vivenciada na cidade de Paris. Segundo o autor:

Diversity had not bothered earlier centuries very much. It seemed part of the nature of things, whether from place to place or between one social group and another. But the Revolution had brought with it the concept of national. Unity as an integral and integrating ideal at all levels, and the ideal of oneness stirred concern about its shortcomings. Diversity became imperfection, injustice, failure, something to be noted and to be remedied (WEBER, p.9, 1976).

Sob esse ponto de vista, Weber (1997) compara o processo de aculturação a um processo semelhante ao de colonização, na qual as massas foram assimiladas por uma cultura dominante. A conquista dos povos parecia ser um passo significativo para o exercício do nacionalismo. No caso francês, o lado rural com suas superstições e costumes foram desprovidos de direitos na expectativa de viverem sob liberdade, produtividade e progresso em prol do bem comum. Esse retrato endossa o argumento de Anderson (1991) quando afirma que o nacionalismo é um fenômeno recente e que as nações como a conhecemos hoje, não possuem data de nascimento, sendo portanto, hibridizações de contextos históricos, políticos e culturais que ao longo da história ganharam contornos e personalidade. Não

significa isso a consolidação do nacionalismo, mas a sua manutenção do lugar imaginado.

Exercícios de nacionalismo

No período selecionado de 11 de junho a 14 de julho de 2014, encontramos 56 inserções de capa que abordaram ou tangenciaram a temática do nacionalismo. No gênero informativo catalogamos 24 reportagens e uma entrevista. No opinativo, encontramos quinze colunas, nove artigos assinados e seis editoriais e uma inserção que não se encaixa em nenhum dos formatos por aproximar-se do entretenimento. Desse modo, observamos que a cobertura com tópicos nacionalistas teve pouca diferença entre os formatos informativos (25) e opinativos (30).

Um ponto metodológico precisa ser frisado antes de continuarmos: foram as palavras-chaves ‘nacional, nacionalismo e nacionalidade’ que fizeram chegar a essa amostra de 56 inserções. Isto significa que esses termos foram os utilizados para ‘pescar’ o material que possivelmente poderia ter uma abordagem das questões nacionais. Necessário repetir, ‘possivelmente’, porque parte dessas matérias utilizaram o termo nacional apenas com item descritivo de bandeiras, orgulho e de seleções, todavia, nesse corpus identificamos materiais informativos e opinativos pertinentes para nossa discussão. Ainda do total de 56, identificamos que 36 focam o nacionalismo por meio da seleção brasileira e as outras 20 atravessam a realidade nacional de outras seleções. Sobre todo esse *corpus*, de forma aleatória, que iremos negociar com os conceitos de comunidade imaginada e nacionalismo banal.

O material noticioso sobre a seleção brasileira aponta o exercício de um nacionalismo banal justamente pela apropriação natural da língua, da cultura e do território. A principal porta-voz desse discurso foi a presidente da época, Dilma Rousseff. Ela incorpora o uso de clichês nacionalistas como descreveu Billig na década de 90. Como no Brasil, a Copa antecede o período eleitoral, o opositor de Dilma, Aécio Neves, declarou à Folha que o discurso da presidente “foi um esforço para transformar em motivo de orgulho nacional obras inacabadas, gastos superfaturados e absoluta falta de capacidade de gestão desse governo”. (edição de

11/06/2014, Poder, A6). O tucano se referia ao pronunciamento de Dilma Rousseff na TV um dia antes da abertura da Copa no Brasil.

A questão é que em vários discursos da presidente, em diversos momentos, houve a constante presença de clichês nacionais. Exemplo disso ocorreu quando a Folha de S. Paulo convidou os três principais candidatos da disputa presidencial, Dilma Rousseff, Aécio Neves e Eduardo Campos para relatar, por meio de um breve artigo, qual foi 'sua copa inesquecível'. Dilma é a única que faz relação ao nacionalismo. Ela destaca a Copa de 1970, relembra os momentos de ditadura, repressão, tortura e finaliza reforçando estereótipos. "A seleção brasileira representa a nossa nacionalidade. Está acima de governos, de partidos, de interesses de qualquer grupo. Ontem, hoje e sempre, o povo brasileiro ama sua seleção e confia nela" (edição de 15/06/2014, Copa 2014, D12). Como argumentou Billig (1995), os líderes políticos das nações utilizam dos ideais nacionalistas como plano de fundo para discursos políticos.

Tecer críticas ou melhor, vaiar a presidente, foi considerado como uma postura antinacionalista por algumas fontes das matérias e colunistas. Necessário contextualizar melhor o episódio antes de prosseguirmos. Ao lado do presidente da FIFA, Joseph Blatter, e do secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, a presidente Dilma Rousseff, mesmo sem discursar, foi hostilizada durante a cerimônia de abertura da Copa de 2014, foram vaias e xingamentos da torcida. A abertura, que durou cerca de meia hora, custou cerca de 18 milhões de reais, segundo o Comitê Organizador Local. Após as apresentações teve início o primeiro jogo da Copa: Brasil e Croácia, com vitória brasileira de 3 x 1.

Provavelmente não porque Dilma fosse reconhecida como símbolo nacional, porque em outros momentos de vaias proferidas a presidente não houve tanta repercussão. Acontece que o fato ocorreu justamente diante o olhar de um público internacional, ao vivo e gravado. Entende-se aqui o evento Copa como rito mundial, seguindo a lógica de Dayan e Katz (1992), como um fenômeno estético e potente. Assim, ao que parece, ser nacional no evento esportivo exigiria também para suas autoridades algum tipo de respeito e referência. Entre os defensores da presidente estava, por exemplo, o ex-jogador argentino Diego Maradona que classificou o

episódio como absurdo. O colunista Juca Kfoury escreveu que, “comportamento ruim mesmo só da torcida que, depois de cantar belissimamente o Hino Nacional à capela, xingou a presidente da República de maneira a envergonhar seus filhos” (edição de 13/06/2014, Copa 2014, D12).

Certamente pelo critério de noticiabilidade proeminência (Erboato, 1991) Dilma figura em muitos momentos da cobertura esportiva da *Folha de S. Paulo*, sendo acionada para opinar e comentar fatos do Mundial. Quiçá, a derrota brasileira tenha sido o momento mais complicado para pronunciamentos da presidente. O impresso estampou a seguinte manchete do dia 11 de julho de 2014: “Para Dilma, futebol tem que mudar; Aécio critica uso da Copa”. O debate entre os candidatos é o destino do futebol brasileiro. Isto só entra no debate político porque a seleção brasileira é associada a símbolo nacional. O que está em jogo, na realidade, é a disputa política por meio do nacionalismo, operacionalizado na Copa, na seleção brasileira. O nacionalismo, conforme exemplificou Billig é apropriado para as ações políticas.

A representação mais banal do nacionalismo brasileiro ocorreu por referências ao hino nacional. Para se ter uma dimensão, na edição do dia 13 de junho de 2014, houve três alusões a emoção de torcedores e jogadores durante o hino nacional. Destaca-se nesse dia a história da adolescente Amanda Mota, de 16 anos, que teve a oportunidade de pisar no gramado no jogo inaugural da Copa. A garota escreveu um relato à *Folha* expressando as emoções que vivenciou: “Nunca pensei que fosse tão difícil segurar uma bandeira, mas não poderia ter sido menos fantástico” (edição de 13/06/2014, Copa 2014, D9). O hino e a bandeira nacional sinalizam e recordam o pertencimento a uma comunidade imaginada. Tais símbolos foram, representativos para todas seleções, descritos como canções cantadas com entusiasmo e paixão, reforçando identidades nacionais.

Pertinente lembrar que antes do mundial, o cenário político/econômico do Brasil foi repleto de manifestações intituladas “#nãovaitercopa”. Todavia, a fonte de protestos surgiu principalmente no mês de junho de 2013 durante a Copa das Confederações considerada pela FIFA, um pré-teste da Copa do Mundo. Os protestos foram nomeados posteriormente de “Manifestação dos 20 centavos” e

“Jornadas de Junho”. Segundo a análise de Castells (2013), as manifestações no país foram um grito de indignação dos brasileiros que se espalhou pelas redes sociais e ocupou as ruas em mais de 350 cidades do território. A causa, afirma o autor, seria uma democracia reduzida a mercado de votos, clientelismo e manipulação midiática. Todo esse episódio culmina na realização do campeonato mundial no Brasil:

Por exemplo, a alegria de ter a Copa do Mundo de futebol no Brasil e de que seleção canarinho volte a crescer converteu-se num negócio mafioso de corrupção em grande escala, da qual participam empresas de construção, federações esportivas nacionais e internacionais, e administrações públicas de diversos níveis utilizando em boa medida fundos públicos sem controle de contas (CASTELLS, 2013, p. 144).

O autor afirma ainda que a conexão em rede da população impulsionou uma cultura de indignação com pessoas enredadas pelas ruas em resposta à inoperância das instituições políticas. Castells (2013) assegura a internet como fundamental para dar dimensão da gravidade do movimento, furando as barreiras dos meios tradicionais. “Enquanto era possível ignorar os manifestantes, espancá-los ou manipulá-los, tudo podia continuar igual, para além dos discursos vazios em veículos controlados” (CASTELLS, 2013, p. 145). Ele sinalizou e acertou quanto ao enfraquecimento da presidente Dilma Rousseff, caso o Brasil não liderasse uma reconciliação entre sociedade e política.

Introduzimos estes apontamentos de Castells para mostrar como o editorial “Vai ter Copa”, (edição 12/06/2014, Opinião A4) revela a importância dada pelo brasileiro ao futebol. O evento minimizou manifestações em várias partes do país, e de repente, de um dia para o outro, o cidadão parecia ter vestido a camisa verde-amarela. Na opinião do veículo:

Mas chegou. O país do futebol enfim se revela nas bandeiras, ainda um pouco tímidas, que pegam caronas nos carros ou se exibem nas janelas. Aos poucos assuntos sem relação com Mundial vão sendo deixados de lado: cada vez mais é o “escrete canarinho” que importa (...)

O futebol, formador da identidade nacional, tem sido há um ano o ponto de fuga das demandas populares. Faz sentido, assim, que alguns se disponham a protestar mesmo durante a Copa. Os atos,

desde que pacíficos, dão o testemunho do quanto o país amadureceu nestas décadas de democracia. (FOLHA DE SÃO PAULO, Opinião, p. A2, 12/06/2014)

O veículo fortalece o discurso do futebol como referencial da identidade nacional do Brasil, reproduzindo a modalidade esportiva a um sentido coletivo. No editorial, a *Folha* diz que não vai abandonar o espírito crítico, mas afirma que reconhece a notoriedade do futebol para o país, por isso deseja boa sorte a equipe. Assim como Billig (1995) delimitou, a imprensa concebe o nacionalismo brasileiro a partir do detalhe da bandeira, do hino e repetitivos termos como 'país do futebol' e 'escrete canarinho'.

O fato mais comentado do mundial e explorado pela mídia certamente foi a derrota do Brasil para a Alemanha pelo placar de 7 x 1. No âmbito acadêmico, rapidamente duas pesquisas trabalharam aspectos nacionais explorando o fracasso brasileiro. A dissertação de Fábio Aguiar, do Programa de Comunicação da Universidade do Rio de Janeiro, intitulada "Após o 7 a 1: A influência da derrota para a Alemanha nas narrativas da imprensa brasileira", busca compreender as narrativas em torno do mundial com ênfase na derrota brasileira para Alemanha. No mesmo sentido e Programa de Pós-Graduação também foi defendida a tese "Maracanazo e Mineiraten: Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014" de Francisco Ângelo Brinati. O autor argumenta que os jornais trabalharam discursivamente a ideia de separar o povo brasileiro da noção de identidade nacional representada a partir da Seleção Brasileira. A derrota histórica é retratada com humor e deboche e utilizada para mostrar que a "Seleção seria 'apenas' uma equipe de futebol, não mais um representante de cada brasileiro (...). O povo do país não mais vê a equipe como espelho da nação, não se enxergaria mais nela" (BRINATI, 2015, p. 244-245).

Afinal, deixamos de ser nacionais porque perdemos em um esporte que considerávamos que representaria bem o Brasil? Nada, assim como Billig (1995) argumentou que a demonstração da existência de uma nação revela a força do nacionalismo, sustentamos que toda repercussão da derrota brasileira, embora com total viés negativo, pessimista e com tons 'dolorosos' na cobertura esportiva

colaborou para materializar ainda mais a comunidade antes imaginada. Porque para criticar o episódio foi preciso lembrar as evidências da relação futebol e nação. Os dois trabalhos acima citados não dialogam e não trazem referências de nacionalismo banal.

No editorial “Pátria sem chuteiras” (edição de 09/07/2014, Opinião, A2), a *Folha* recorda a famosa frase de Nelson Rodrigues “pátria em chuteiras” para com a mudança de uma preposição discutir o desgaste no futebol brasileiro e conseqüentemente de sua relação com os torcedores, com a nação. “Injustificado, talvez, tenha se provado o hábito de depositarmos tanto de nossa identidade nacional num único esporte, num único campo, num único jogo – que sempre é o de hoje” (FOLHA DE S. PAULO, Opinião, p. A2, 09/07/2014). O editorial aposta que o embate com a Alemanha pode representar uma mudança de visão em relação a seleção e nação, visto quase sempre como a mesma coisa.

Outros atores também discutiram o episódio no jornal. A atriz Fernanda Torres, aproveitou sua coluna semana na *Folha* para reclamar que “o 7 a 1 exige mudanças. E não só no esporte. Esse amor inflamado a camisa, ao hino, ao país deveria ser canalizado para ações práticas” (edição 10/07/2014, Copa 2014, D8). Não só ela, o sentimento de indignação permeou outros jornalistas e colunistas. Eventualmente, devido ao clima emocional, não houve uma discussão qualificada sobre os aspectos nacionais e futebol. O banal continua sobre nós, em 2018, mesmo cautelosos, os torcedores brasileiros (principalmente aqueles que aparecem somente a cada quatro anos) ressurgiram com bandeiras, cores, camisas e reunidos em casas e bares para assistir aos jogos na Rússia, para acompanhar a trajetória da seleção até mais uma derrota.

Retirando os holofotes da discussão de nacionalismo por meio da seleção brasileira, 20 inserções na capa da *Folha de S. Paulo* trataram de assuntos de outras seleções com abordagens no âmbito do nacionalismo. Na matéria “Fogo Amigo - Brasileiros que jogam pela Espanha e Croácia querem compreensão por terem trocado de pátria” (edição 11/06/2014, Copa 2014, D4) o jornal expõe a situação de jogadores nascidos no Brasil, hoje adversários da seleção. A história dos jogadores Diego Costa (Espanha) e Eduardo Silva (Croácia) resgata as relações

com o Brasil e brinca com a situação de que não se muda de nacionalidade, mas se adquire outra. Há um debate implícito aí, uma disputa de qual nacionalismo seria melhor 'defender'. Diego decidiu pela Espanha afirmando que tudo o que tem foi dado por aquele país e Eduardo escolheu a Croácia porque saiu de uma favela do Rio e foi acolhido na Croácia. Embora o jornal articule a importância de defender a camisa verde-amarela, estes jogadores, e por meio deles, porque não outros milhares de torcedores que deixaram o Brasil, compreendem que acima do otimismo nacional está as relações financeiras, de estabilidade. Nessa situação o nacionalismo não casa com o banal, mas com o econômico e o social assegurado por determinado país. Dialoga com sociedades imaginadas por esse viés, que muitas vezes pode esbarrar na discussão sobre patriotismo.

Alguns trechos de matérias ou mesmo da opinião dos colunistas colocam as seleções estrangeiras como metonímia daquelas nações. O colunista Tostão³, ao comentar o jogo da Holanda e Espanha, destaca que "o futebol holandês é um reflexo do país, diferente, ousado e transgressor" (edição de 14/06/2014, Copa 2014, D5). O mesmo jogo foi assunto de outro colunista, Xico Sá, quando brincou ao escrever que "a Espanha voltou a 1950, levou 5 da esquadra do príncipe neopernambucano Maurício de Nassau. Foi tão humilhante que rolou conspiração: a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais comprou o jogo, vide século XVII" (edição de 14/06/2014, Copa 2014, p. D11)

Ao que parece, o futebol da Copa do Mundo, é um bom artifício para se discutir nacionalismos de forma suave, destacando êxitos, derrotas, feitos históricos, peculiaridades e outros aspectos. Suave, porque não está em voga o poder e a notoriedade das nações pelo viés do poderio econômico, político ou mesmo armamentista. Finalizando a história do time Espanhol, o time foi eliminado da Copa no dia 18 de junho, data em que houve a coroação do rei Felipe 6º. A *Folha* em reportagem, faz referência ao episódio daquele país, anunciando que o 'reinado espanhol no futebol chegou ao fim', em referência a abdicação do rei Juan Carlos. Nação, monarquias, futebol, seleções parecem se adequar a uma equação só.

³ Eduardo Gonçalves de Andrade, conhecido como *Tostão* é um ex-futebolista brasileiro e colunista da *Folha*.

Quando, por exemplo, a Costa Rica conseguiu ser líder do grupo considerado da 'morte', vencendo uruguaios, ingleses e finalmente italianos, a *Folha* noticiou a euforia na capital San José, relatando que “de todos os cantos chegam imagens de costa-riquenhos que vivem no exterior. Todos choram. Todos sonham em viver esse momento histórico” (edição de 21/06/2014, Copa 2014, p. D6 E D7). Assim, compartilhamos do mesmo sentido de Anderson (1991) ao afirmar que a nacionalidade enquanto produto cultural é uma experiência também de legitimidade emocional profunda. O esporte, por si só, desperta várias emoções tanto negativas quanto positivas, afinal trata-se de competições, desejos de vitórias, embates que não conseguem ficar confinados ao lado profissional do atleta.

Aliado a força emotiva, o pertencimento a determinados territórios também reforça nacionalismos. Não é central, mas corrobora para a disputa. O trecho abaixo favorece para pensar essas questões:

As classificações antecipadas de Chile e Colômbia e a vitória, na bola e na raça, do Uruguai sobre a Inglaterra reafirmam as qualidades das seleções sul-americanas, ao contrário do que ocorre com os times. A maior razão é que quase todos os titulares das seleções atuam fora de seus países. Costa Rica, a grande surpresa, não é da América do Sul, mas também é da América Latina. Por ser no Brasil, aumenta o número de torcedores sul-americanos na Copa. Todos, e mais os jogadores, se sentem em casa. Crescem o entusiasmo e as chances de vitória.

Tenho uma antiga impressão de que os sul-americanos possuem mais gana, orgulho, de atuar por suas seleções do que os europeus. Uma das razões talvez seja pela maior pressão e maior apelo patriótico. Há também um oculto (ou claro) desejo de autoafirmação, de mostrar ao mundo que estamos atrasados em muitos aspectos, mas que, no futebol, somos mais apaixonados e melhores (FOLHA DE S. PAULO, p.D9, 21/06/2014).

O nacionalismo, dessa maneira, é posto como disputa entre países americanos e europeus. Esses países do continente americano são de interesse de estudo de Anderson (1991) porque são considerados derivados de nacionalismos europeus, são estados crioulos liderados por gente que comunga da mesma língua e com adversários em comum. Rivalidades históricas, muitas delas já esquecidas, resvala no discurso do colunista ao caracterizar os sul americanos com maior apelo patriótico.

A reportagem mais aprofundada sobre como o futebol fortalece nacionalismos foi publicada na capa com a chamada “Criticado, goleiro da Argentina vira trunfo da

equipe que enfrenta hoje a Bélgica no DF”. Internamente a chamada de capa ganhou outro título “Sucesso da seleção amplia identidade nacional belga” (edição de 05/07/2014, COPA 2014, D6) e não abordou nada sobre o goleiro da Argentina, mas do confronto entre os dois países. Trata-se na realidade de um tema sobre como a atuação da seleção belga propiciou, ao menos de forma passageira, o fortalecimento de tradições culturais daquele país. Três pontos achamos prudente destacar dentro da discussão ampla a qual nos propomos inicialmente. A primeira é que, se não fosse, por meio da ascensão da seleção da Bélgica, a realidade daquele país não teria tido noticiabilidade suficiente para amparar um debate sobre nacionalidade no jornal brasileiro. A segunda é que a matéria toca em um ponto delicado, indicativo da formação de nacionalismo: a língua. De acordo com a publicação, com três idiomas oficiais, ficou difícil torcer para Bélgica. A saída, a adoção do inglês em todas as propagandas do time e inclusive no diálogo entre técnico e jogadores. Lembra bem Anderson (1991, p. 128) o uso da língua como um meio de conveniência para finalidades administrativas. Temos aqui a construção o inglês como língua neutra que deve ser falado e ouvido de forma comum naquele país. O terceiro aspecto se refere ao fato da reportagem ilustrar que bandeiras passaram a fazer parte da paisagem dos belgas, uma realidade que ‘abafa’ momentaneamente as discussões em voga no período sobre separatismo entre norte e sul. O que se assemelha ao banal sinaliza o fortalecimento daquela comunidade apesar das contradições de língua.

Por fim, destacamos a valorização dada ao nacionalismo alemão. O país só possui um olhar mais aprofundado para sua história quando leva a taça do mundo para casa. Curioso notar que houve poucas menções ao nacionalismo argentino mesmo o time chegando a final. O impresso se limitou a dizer que a Argentina enfrentaria a Holanda no dia da sua independência, mas de forma factual sem desdobramentos e que “o símbolo da garra nacional argentina passou a ser Mascherano” (edição de 13/06/2014, Copa 2014, D7).

Interessante perceber que não houve citação de atletas brasileiros – nestas matérias analisadas – como símbolo de nacionalismo brasileiro. Não tivemos heróis nacionais na Copa 2014, mas vilões do 7 x 1. Em suma, a vitória alemã é retratada

pela Folha como uma conquista além do esporte. Foi a primeira vez que um time europeu venceu uma Copa do Mundo em solo americano, e “foi o primeiro título alemão após a reunificação do país, em 1990. A conquista anterior, naquele mesmo ano, veio antes da oficialização, ocorrida em outubro” (edição de 14/07/2014, Copa 2014, D2 e D3). Com o tetracampeonato, alemães fortalecem costumes, ritos, sua integração, todo o seu nacionalismo perante si e o mundo.

Considerações

Por meio da cobertura da *Folha de S. Paulo* sobre a Copa 2014 observamos que o debate sobre o nacionalismo é atual e político e se propaga em meio as notícias de cunho esportivo. A copa revela um espetáculo de nações que diferente do anúncio de Mosco (2004) não se acabaram, não tiveram morte decretada, mesmo diante aos avanços da internet. E muito embora haja dezenas de pesquisas brasileiras futebol e identidade nacional, há poucas articulações com as ideias de Benedict Anderson e Michael Billig. De fato, o futebol mobiliza muitas questões nacionais desde o banal ao contexto histórico, político e econômico de determinada nação.

Antes da coleta, havia a impressão que estudando apenas o material opinativo do veículo, poderíamos chegar a bons apontamentos, tendo em vista que os espaços de opinião propiciariam uma exarcebação e posicionamento dos seus articuladores. Ainda bem que não seguimos por esse caminho, pois a diferença entre a produção de conteúdo informativo e opinativo sobre o assunto foi pouca. Em outras palavras, o gênero jornalístico não influenciou diretamente na presença do tema nacionalismo.

De modo geral, quando a cobertura esteve focada na seleção brasileira, constatamos a manutenção de símbolos nacionais como bandeiras, camisa verde e amarela, o hino em oposição ao outro. Como sinaliza Billig (1995) é a sobreposição dos ritos e costumes de determinada comunidade que consolida o discurso da identidade nacional. Foi exatamente isso que a Folha articulou em sua primeira

página em inúmeros momentos, reconhecendo a construção da nacionalidade de outras seleções em poucos momentos. No caso do Brasil, ficou evidente como a presidente Dilma Rousseff fez interlocução com clichês nacionais na tentativa de compartilhar os sentidos de afetos acoplados a seleção brasileira. A retórica da presidente passava a mensagem de que os brasileiros vivenciavam um momento histórico, uma experiência importante para consolidação do país como nação.

Porém, não se esperava em uma derrota tão 'incomum' para a seleção brasileira no seu próprio país diante o seu próprio povo. O fato desarticula a narrativa da imprensa que providencia uma descolagem de atributos nacionais da seleção. Nesse intento, se reforça ainda mais o reconhecimento de uma comunidade imaginada pelos torcedores brasileiros. Porque o sentimento, mesmo que seja a dor, legítima o comum partilhado. O sofrimento brasileiro pela derrota lembrou que todos pertenciam a um lugar, uma comunidade, o banal ficou mais consciente naquele momento, logo, usar um adereço verde amarelo ou mesmo algum emblema nacional tornou-se mais lúcido.

Sem a mesma proporção, outras nacionalidades adentraram a cobertura da *Folha*. Na maioria das oportunidades essa referência ocorreu de forma corriqueira, delineando características da seleção como origem, cultura, letra do hino, bandeira, cores e costumes. Em raras ocasiões, como no caso dos brasileiros naturalizados na Espanha e Croácia, o jornal negocia a importância do nacionalismo brasileiro, mas reconhecendo que o cidadão pode acolher outras identidades nacionais e mesmo defendê-las em uma competição esportiva. A situação da Bélgica dialogou bastante com os conceitos deste artigo, o país possui diversidade de línguas e movimentos separatistas, e conseguiu, aglutinar por meio do desempenho da sua seleção um sentimento de afeto por parte das pessoas daquela comunidade. A Alemanha, ao ser campeã, projetou uma imagem positiva do seu nacionalismo para o resto do mundo. O espetáculo da Copa do Mundo de Futebol se enquadra com facilidade ao esquema analítico de Benedict que afirmou que as novas comunidades são imaginadas positivamente graças a relação entre a produção (capitalismo), tecnologia de comunicação (imprensa) e diversidade de línguas. O evento engloba

mesmo muitos investimentos econômicos, com uma cobertura midiática enorme mediando a experiência do jogo para milhares de idiomas.

Referências

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Balanço Final para as Ações da Copa do Mundo da FIFA Brasil 2014. Disponível em: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br/brasilecopa/sobreacopa/balancos>. Acesso em agosto de 2018.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2000.

Billig, Michael. **Banal Nationalism**, London: Sage, 1995.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiraten: Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014**. 2015. 260 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DA MATTA, Roberto. Esporte na Sociedade: Um Ensaio sobre o Futebol Brasileiro. In: DA MATTA, Roberto et al. **Universo do Futebol: esporte e sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro, Pinakotheke, 1982

Dayan, D. and Katz. **Media events. The live broadcasting of history**. Cambridge, MA: Harvard University, 1992.

ERBOLATO, Mário L. **Jornalismo Gráfico: técnicas de produção**. São Paulo: Loyola, 1981.

GASTALDO, Édison Luís. **Um Tempo Para Jogar: O 'Ser Brasileiro' na Publicidade da Copa do Mundo de 1998**. Revista Campos, v. 1, p.123-146, 2001.

GELLNER, Ernest. **Nações e Nacionalismo**; tradução de Inês Vaz Pinto. Lisboa: Gradiva, 1983.

HELAL, Ronaldo. **Futebol, Cultura e Cidade**. Logos (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, p. 5-7, 1997.

_____; GORDON, César Júnior. **Sociologia, História e Romance na construção da Identidade Nacional através do futebol**. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HERSCOVITZ, Heloísa. **Análise de Conteúdo em Jornalismo**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia da Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

HOBBSAWM, E. J. **The Age of Revolution: Europe 1789-1848**. London: Weidenfeld and Nicolson, 1962

LISBOA, Fábio Aguiar. **Após o 7 a 1: A influência da derrota para a Alemanha nas narrativas da imprensa brasileira.** 2016. 135f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2016.

Mattelart, Armand and Michèle Mattelart. **The Carnival of the Image: Brazilian Television Fiction.** New York: Bergin & Garvey, 1990.

Mosco, Vincent. **The Digital Sublime: Myth Power and, Cyberspace.** Cambridge, MA: The MIT Press, 2004.

Weber, Eugen. **Peasants into Frenchmen: The Modernization of Rural France 1870-1914.** Stanford: Stanford University Press, 1976.

Matérias consultadas.

Dilma diz que ‘pessimistas’ entram perdendo na Copa. Folha de S. Paulo. 11/06/2014, Poder, A6.

Em 70, presa pela ditadura, torci, pois futebol está acima da política. Folha de S. Paulo. 15/06/2014, Copa 2014, D12.

Nós temos Neymar. Folha de S. Paulo. 13/06/2014, Copa 2014, D12.

Eu entrei em campo. Folha de S. Paulo. 13/06/2014, Copa 2014, D9.

“Vai ter Copa”. Folha de S. Paulo. 12/06/2014, Opinião A4.

“Pátria sem chuteiras”. Folha de S. Paulo. de 09/07/2014, Opinião, A2.

Apagão. Folha de S. Paulo. 10/07/2014, Copa 2014, D8.

Brasileiro contra o Brasil. Folha de S. Paulo. 11/06/2014, Copa 2014, D4.

Chocolate. Folha de S. Paulo. 14/06/2014, Copa 2014, D5.

Copa 10. Folha de S. Paulo. 14/06/2014, Copa 2014, D11.

“Euforia tomou conta das ruas da capital da capital”, relata costa-riquenha. Folha de S. Paulo. 21/06/2014, Copa 2014, D6 E D7.

“Sucesso da seleção amplia identidade nacional belga”. Folha de S. Paulo. 05/07/2014, COPA 2014, D6.

Garra X Arte: Alemanha tenta seu quarto título com futebol ofensivo contra uma Argentina na defesa. Folha de S. Paulo. 13/06/2014, Copa 2014, D7.

Sangue alemão. Folha de S. Paulo. 14/07/2014, Copa 2014, D2 e D3.